

Um pequeno (mas fundamental) livro sobre montanhas

Fernando Rebelo

Les montagnes. Discours et enjeux géographiques (Liège, SEDES, 2001, 141 p.) é um pequeno livro que se nos afigura de grande importância no contexto do estudo das montanhas, particularmente em termos de riscos. Coordenado pela Prof^a Yvette VEYRET, da Universidade de Paris X, Nanterre, que escreve a introdução e mais dois capítulos, tem ainda como autores Bernard Debarbieux, François Bart e Marie Claude Cassé-Castells.

O primeiro destes três autores, nos dois capítulos que escreve, discute se a montanha é um objecto geográfico e apresenta-nos as representações e as construções culturais que se fazem sobre as montanhas. O segundo, igualmente em dois capítulos, discute a questão da marginalidade e da integração destes espaços, relacionando-os com a problemática da sua densidade demográfica; curiosamente, refere-se também às montanhas dos países tropicais com um bom conjunto de exemplos. O terceiro intitula o capítulo que lhe coube com uma pergunta: “como abordar a questão da montanha hoje nos países industrializados da Europa ocidental?”

Com o título de “mobilidades e descontinuidades físicas”, Yvette VEYRET oferece-nos um capítulo rico em exemplos, mas sintético no essencial, com

referências bibliográficas muito importantes para quem quiser maior profundidade; a mobilidade tectónica e climática é tratada a diversas escalas, como também o escalonamento climático é apresentado na sua diversidade consoante as áreas montanhosas se situam em zonas morfoclimáticas diferentes. Trata-se da base necessária para o capítulo seguinte: “riscos e gestão do ambiente”. A autora gosta de dar exemplos concretos de manifestação de crises; desta vez recorre a casos históricos, recolhidos tanto na Idade Média, como nos séculos XVIII ou XIX, antes de se referir a casos actuais e de todos eles retirar as devidas consequências. Por isso, sublinha os aspectos mais relevantes da protecção à montanha e das formas variadas que reveste pelo mundo.

No seu conjunto, *Les montagnes. Discours et enjeux géographiques* é um livro que faz pensar, mas que também dá a geógrafos físicos e humanos, tal como ao público em geral, numerosos exemplos do que pode acontecer numa montanha, seja porque já aconteceu no passado mais ou menos distante, seja porque, com os dados de que se dispõe, há a hipótese de vir a acontecer. A consciência do risco e a percepção do perigo em áreas de montanha ficam mais fortalecidas depois de ler este livro.

A propósito de um notável trabalho sobre riscos naturais desenvolvido na Suíça ao longo dos anos 90

Fernando Rebelo

Climat et risques naturels – La Suisse en mouvement, de Stephan BADER e Pierre KUNZ (vdf, Zurich; georg, Genève, 1998, 312 p.), é, ao mesmo tempo, um Relatório científico final de um Programa nacional de investigação sobre riscos naturais, desenvolvido ao longo dos anos 90, e um verdadeiro tratado sobre riscos naturais relacionados com o clima.

Após uma introdução sobre o *Programme National de Recherche* que esteve na sua origem (PNR 31) e que se intitulava, como era de bom tom na época, “Changements climatiques et Catastrophes naturelles”, o trabalho aparece dividido em cinco partes e termina com um texto conclusivo.

Curiosamente, o título da primeira parte corresponde a uma interrogação: “Changement climatique? Radioscopie du climat de la Suisse”. É da autoria de S. BADER e tem por primeiro capítulo uma frase que podíamos de imediato subscrever – “‘Climat’ a toujours été synonyme de ‘changement’”. Habitua-mo-nos de tal maneira a falar em valores médios que nos convencemos de que a média é normal e tudo o que fugir à média não é normal e a curto ou médio prazo terá consequências catastróficas... O exagero dos não geógrafos que tratam destes temas tende a influenciar os geógrafos, principalmente os menos preparados ou, talvez, os menos críticos. Claro que “o clima é sensível a

numerosos tipos de perturbações” e que “o calor comanda todos os mecanismos atmosféricos” como escreve S. BADER, mas daí a autoflagelarmo-nos, considerando que somos nós, através das fontes de aquecimento que criamos, os maiores responsáveis pelas ditas mudanças climáticas, vai uma distância considerável. Entre 1880 e 1895, a Suíça sofreu um período de frio marcado, quando já era nítido que, desde inícios do século XIX, o clima vinha aquecendo. E que dizer da “fase de arrefecimento que se desenvolveu entre 1950 e 1970” logo após os quentes anos 40 e antes dos quentes anos 80? Desde aí o aumento vem sendo regular. Perguntar-se-á, até quando?

Diz o mesmo Autor, logo a seguir, que “as precipitações são, sem dúvida, o parâmetro mais variável de um ano para outro”: “oscilações de 20% ou mais não são raras”. Em Portugal, num contexto climático bem diferente do da Suíça, é certo, as variações são, por vezes, muito superiores. Coimbra foi o exemplo que primeiro utilizámos para referir este facto (F. REBELO, 1967, p. 21). Mais tarde, utilizando nove postos meteorológicos do norte e do centro de Portugal, voltámos a insistir nas variações dos quantitativos anuais, mostrando como chegavam a ser de 1:2 em áreas montanhosas (por exemplo, no Caramulo) ou de 1:3 a 1:4 em áreas baixas, próximas do mar (F. REBELO, 1983, p. 207).

Independentemente das variações anuais, diz o Autor, na Suíça a precipitação tem vindo a aumentar, embora com diversificações fortes do ponto de vista espacial – em parte do território verifica-se um aumento de 20 a 30 por cento ao longo do século XX, mas na outra parte, por acaso mais extensa, esse aumento é considerado insignificante... Curiosamente, tem-se verificado um acréscimo da queda de granizo no Verão e a existência de menores tempestades no Inverno. Não imaginaria o Autor que, no fim do ano seguinte (fins de Dezembro de 1999), uma tão grande tempestade atravessasse a França e ainda se fizesse sentir na Suíça...

Quanto ao futuro, S. BADER considera, e bem, que “as projecções climáticas são incertas” e pergunta a si próprio se “mais calor significa mais acontecimentos extremos”. É interessante registar que, para si, “o estado dos nossos conhecimentos permite avaliar a probabilidade de ocorrência numa situação potencialmente criadora de catástrofe, mas não o fenómeno catastrófico ele próprio” (p. 63).

Da conclusão desta primeira parte, é de salientar que o Autor pensa que “as sociedades complexas que se constituíram no decurso dos últimos 5000 anos nunca foram confrontadas até hoje com mudanças climáticas de grandeza comparável às que observamos

em muitos exemplos de arquivos paleoclimáticos”, embora avise que “a combustão de agentes energéticos fósseis projecta na atmosfera gases com efeito de estufa que perturbarão o sistema climático de maneira não negligenciável” (p. 74).

A segunda parte do livro continua a ser da responsabilidade de Stephan BADER. Intitula-se “L’eau – d’un facteur climatique à une force devastatrice”. Há, indubitavelmente, uma ligação forte com a primeira parte. A utilização da estatística, porém, vai ajudando a falar de “menos água no Verão” e de “cheias mesmo no Inverno”. Quanto à pergunta que coloca – se “o perigo de cheias aumenta?” – refere modelos que, entrando em linha de conta com numerosos cenários de quantidades de precipitação, acabam por não dar resposta cabal, tantas são as incertezas em presença. A verdade, porém, é que o Verão de 2002 trouxe à Europa central cheias como há muito não se verificavam e parte da Suíça também as sentiu. Aliás, concluindo o tema desta segunda parte, o Autor diz muito claramente que “a água não tem fronteiras” (p. 105).

Da autoria de Pierre KUNZ, a terceira parte tem por título “Impacts des changements climatiques sur la menace, le déclenchement et l’évolution des dangers naturels”. Este Autor prefere falar de perigos em vez de riscos, o que não afecta minimamente o que mais interessa naquilo que trata – acima de tudo casos concretos de manifestação de riscos. Fala de avalanches, de glaciares, de pergelissolo, de escoadas lamacentas e de lavas torrenciais, de cheias e de inundações, de instabilidade de terreno, de tremores de terra, de tempestades inverniais e de incêndios de floresta.

Stephan BADER é o autor da quarta parte, “Plantes et écosystèmes face à l’augmentation de la température et du CO₂”, preocupando-se grandemente com a “sensibilidade da floresta de montanha”. A quinta e última parte, volta a ser da autoria de Pierre KUNZ e leva por título “Conséquences des changements climatiques et des catastrophes naturelles sur notre société et notre économie”; trata, às vezes, de exemplificar com prejuízos já contabilizados, mas vai muito mais longe ao escrever sobre “a percepção dos perigos e dos riscos naturais”, bem como sobre “a gestão das catástrofes”.

Na conclusão, os Autores retomam referências ao Programa que esteve na base do trabalho, mas fazem uma pergunta muito interessante – “e se o domínio alpino arrefecesse”? Creio que nesta pergunta fica tudo em aberto para um novo Programa de Investigação. Na verdade, se já vamos em vinte anos de aquecimento progressivo, não poderemos voltar de novo a um processo de arrefecimento?